



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13115 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT13 - Educação Fundamental

**ACELERAÇÃO SOCIAL A PARTIR DE UM GRUPO DE PROFESSORES: UMA TENSÃO ANUNCIADA EM ITABORAÍ, RJ**

Josney Mateus Kroll do Prado Brito - PUC-CAMPINAS - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

Artur José Renda Vitorino - PUC/CAMP - Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Alexandre Chaves Nunes - UnB - Universidade de Brasília

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

### **ACELERAÇÃO SOCIAL A PARTIR DE UM GRUPO DE PROFESSORES: UMA TENSÃO ANUNCIADA EM ITABORAÍ, RJ**

**Resumo:** A partir dos enunciados da teoria da Aceleração Social, de Hartmut Rosa, o texto trata de responder: em um contexto de aulas virtuais, espaço autorizado em ocasião da pandemia da Covid-19, é possível afirmar que professores se aceleraram? A partir de um dos indicadores capazes de responder a essa pergunta – o fator organização pessoal do tempo –, a pesquisa depreende-se em sintetizar escores obtidos por meio de teste empírico instrumentalizado por um *Survey* que envolveu 39 professores da cidade de Itaboraí, RJ, e usou do método misto, bem como de evidências de validade estatística, para fundamentar a sua exposição. Objetiva-se, neste excerto, a partir das percepções evidenciadas em testemunhos, destacar se houve aceleração do ritmo de vida, sem desconsiderar as implicações da aceleração da mudança social. Os resultados indicaram que os professores conseguiram organizar o seu tempo, o que implicaria dizer, por essa variável, que, a despeito de não terem sido acelerados quanto ao ritmo de vida, a sua relação pedagógica sofreu uma pressão aceleratória.

**Palavras-Chave:** Professor, Aceleração Social, *Survey*, Itaboraí.

#### **Introdução**

O que seria uma boa vida? Para o sociólogo Hartmut Rosa, que elaborou a pergunta “O que é uma boa vida?” – à qual buscou responder em seu livro *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade* (2019) –, é necessário, porém não

apenas, entender dois conceitos para vislumbrar uma resposta, que são os de “Modernidade” e “Aceleração”. Rosa (2019, p. 11) elucida o conceito de Modernidade ao aplicá-lo no contexto social, quando afirma que “[...]uma sociedade é moderna quando apenas consegue se estabilizar dinamicamente; quando é sistematicamente disposta ao crescimento, [...] à aceleração, como meio de manter e reproduzir sua estrutura”. Logo, Modernidade é o conceito que caracteriza a sociedade que se desenvolve e igualmente mantém uma estrutura já alcançada e que emancipou “[...] o tempo em relação ao espaço” (p. 58). Dessa forma, o fator tempo é uma prerrogativa para definir uma sociedade moderna, o que, por sua vez, corresponderia a classificá-la como acelerada, pois: “Modernidade diz respeito à aceleração do tempo” (Rosa, 2019, p. 29). Com base nesses conceitos, é possível afirmar que um lugar moderno não se constitui somente pela sua estrutura produtiva, mas também pela forma que utiliza o tempo e o percebe passar.

A Aceleração Social pode ser categorizada em três formas: 1. Aceleração técnica: é aquela presente, visível ou não, nos processos maquinários, industriais e de tecnologia, que, na prática, visam “[...] economizar tempo, ou seja, reduzir a demanda temporal de um processo, criando, com isso, recursos temporais livres” (Rosa, 2019, p. 303); 2. Aceleração da mudança social, que se define como “[...] um aumento das taxas de expiração de experiências e expectativas orientadoras da ação, e como encurtamento dos intervalos de tempo que [...] podem ser determinados como presente” (p. 152). Ou seja, significa buscar mais realizações para poder competir especialmente consigo mesmo em relação às posições já ocupadas (manter-se) ou às desejáveis (expectativa). A diferença entre aceleração técnica e aceleração da mudança social reside no local onde acontecem os processos. Na aceleração técnica “[...] podem ser descritos como processos de aceleração dentro da sociedade, os dessa segunda categoria poderiam ser classificados como fenômenos da aceleração da própria sociedade” (Rosa, 2022, p. 22); e 3. Aceleração do ritmo de vida: ela trata do adensamento de episódios de ação, que ilustra a forma como as pessoas usam o tempo que têm disponível: em primeiro lugar, “[...] o próprio agir pode ser acelerado; em segundo, [...] as pausas podem ser reduzidas ou eliminadas [...] e, em terceiro, diversas ações podem ser feitas ao mesmo tempo” (Rosa, 2019, p. 241). As três categorias da aceleração sustentam as prerrogativas da modernidade e estão presentes na escola. Mensurar essa aceleração pode ser uma atividade subjetiva até o momento em que se percebe que a melhor forma de entendê-la em um contexto escolar, por exemplo, é por meio do fator tempo e, a partir da sua problematização, perceber como que ele é utilizado, ou antes, organizado. Dessa forma, este texto visa responder: em um contexto de aulas virtuais, espaço autorizado em ocasião da pandemia da Covid-19, é possível afirmar que professores se aceleraram? Para responder a essa pergunta é necessário perceber como os professores organizaram o tempo, dentro do recorte conceitual proposto.

A partir desse horizonte, objetiva-se: 1. Apresentar aspectos da organização do tempo dos professores de uma escola privada da cidade de Itaboraí, RJ, em meio às aulas virtuais ocorridas durante a pandemia da Covid-19, para, a partir dessa exposição, 2. Destacar as principais percepções que dão testemunho da aceleração do ritmo de vida, sem desconsiderar

as implicações da aceleração da mudança social.

## Metodologia

A pesquisa emoldura-se pelo conceito de Experimentação Educacional, proposto por Azanha (1974) – o autor defende que a investigação deve se preocupar em apresentar resultados que de fato validem uma experiência. Uma das formas de atender essa demanda é por meio de um *Survey* de explicação, conceituado como aquele que, “[...] além de descrever os traços, busca realizar asserções que expliquem os cenários” (Pereira; Ortigão, 2016, p. 78) e, por isso, utilizado como o instrumento para a coleta de dados desta investigação. O seu método é misto, justamente por aproveitar os potenciais da pesquisa quantitativa (aqui apoiados pela estatística) e da pesquisa qualitativa, por se preocupar em explicar o que os números, por si só, não podem esclarecer, sempre com objetivo de garantir “[...] um melhor entendimento do problema pesquisado” (Dal-Farra; Lopes, 2013, p. 70).

A pesquisa foi aplicada a 39 professores do segmento do Ensino Fundamental até o Ensino Médio de uma escola privada da cidade de Itaboraí, RJ, e é um recorte de uma investigação maior, que reuniu 31.946 estudantes e 5.839 brasileiros. Os participantes foram convidados por meio de carta de apresentação, carta de assentimento e carta de consentimento, anteriormente aprovadas pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e socializadas via Plataforma Brasil sob Parecer de número 4.749.462, do dia 1 de junho de 2021. Os participantes tiveram acesso ao questionário por meio do programa *Survey Monkey*, devidamente licenciado, no período de 9 a 31 de agosto de 2021.

Sobre o questionário, que tratava da organização pessoal do tempo, foi perguntado aos professores (na mesma ordem numérica que rege a discussão de resultados parciais): 1. Estabeleço uma rotina para cumprir o meu dia como professor; 2. Organizo os meus horários para cumprir com as atividades escolares; 3. Sou pontual nos horários de trabalho; 4. Divido o meu dia entre horas para as atividades virtuais e horas para momentos livres; 5. Prefiro finalizar as tarefas do trabalho o mais breve possível, sem deixá-las para o dia seguinte; e 6. Utilizo agenda ou outra ferramenta para registrar atividades escolares que preciso realizar no dia a dia.

O questionário proposto chegou às mãos dos participantes após processo de validação, que se deu em três etapas, sugeridas por Damásio e Borsa (2017): avaliação dos itens do questionário por especialistas, etapa em que se julga o conteúdo do questionário; avaliação dos itens pelo público-alvo quanto à compreensão e clareza; e avaliação interna dos instrumentos propostos, etapa em que se recorreu à análise estatística e ao julgamento quanto à confiabilidade dos instrumentos. Além do questionário proposto, os professores participantes também responderam questões – como por exemplo, sobre volume de aulas que lecionavam e se tinham mais de um emprego remunerado – com o objetivo de demarcar os seus perfis.

## Discussão de resultados parciais

A percepção dos professores indicou mais concordância que discordância a respeito dos aspectos da organização pessoal do tempo e do volume de aulas que o professor lecionava, como mostra a Tabela 1.

**Tabela 1** – Escore médio da organização do tempo dos professores e por volume de aulas

Escore Geral	Até 15 aulas	16 a 25 aulas	26 a 40 aulas	41 a 50 aulas	Acima de 50 aulas
3,26	2,50	3,54	3,08	3,61	3,00

Fonte: elaboração dos autores

Considerando que o professor apontava: discordar totalmente da afirmação ao assinalar 1; discordar, ao anotar 2; concordar, quando marcava 3; e concordar totalmente, ao escolher 4, é possível afirmar que os professores se viram como pessoas organizadas, que, em um contexto de sala de aula virtual e diante das exigências da docência relacionadas a ele, deram conta de dominar alguns aspectos relativos ao tempo, o que mostra que não adensaram episódios de ação, ou seja, pela conceituação da aceleração do ritmo de vida, não efetuaram diversas atividades ao mesmo tempo, ainda que possam ter diminuído o intervalo de realização entre elas.

Tratando-se da distribuição dos escores entre os volumes de aulas lecionadas por semana, é possível inferir que, em função de ser o maior escore entre as opções possíveis, o professor que lecionava de 41 a 50 aulas é o que mais concordou com as afirmativas que resumem o seu comportamento quanto à capacidade de organização do tempo. Por outro lado, os professores que lecionavam até 15 aulas na semana não organizaram o tempo por terem mais recursos temporais disponíveis ou até livres, ou não se viram nessa obrigação.

Ainda que seja possível fazer algumas análises quanto ao escore geral, é salutar o destaque de alguns pontos da Tabela 2, a qual se destina a apresentar os escores médios de cada item do questionário.

**Tabela 2** - Escores médios “Organização do Tempo” dos professores – por item

Cidade	Itaboraí (RJ)
N	39
Escore Geral	3,26

Item 1	3,42
Item 2	3,42
Item 3	3,58
Item 4	3,00
Item 5	3,08
Item 6	3,08

Fonte: elaboração dos autores

É possível afirmar, a partir das médias apontadas na Tabela 2, que: 1. Os professores não adensaram episódios de ação; 2. Apresentaram capacidade de organização do tempo a partir de diferentes prerrogativas; e 3. Não apontaram suas percepções a partir de uma vida acelerada, o que indicaria que usufruíam de uma vida não acelerada, na ocasião da pesquisa. Ainda assim, apresentaram maiores dificuldades quanto a dividir o dia em horas para atividades virtuais e horas para momentos livres (Item 4), o que, somado à informação de que nove deles ocupam mais de uma atividade profissional remunerada, incide em afirmar que os professores participantes da pesquisa provavelmente não dividem os dois momentos porque não há, em abundância, a oportunidade do tempo livre. Assim, ainda que eles não sejam exemplo da aceleração do ritmo de vida, por outro lado podem ser exemplo da aceleração da mudança social, que, por sua vez, é caracterizada pela diminuição do tempo presente. Talvez a capacidade de organização do tempo possa ter sido um anteparo à aceleração do ritmo de vida, mas, por outra direção, serviu como matéria-prima da aceleração da mudança social: quanto mais organizado o professor, mais funções ele ocupou, neste caso, mais de um emprego, com vistas a manter um orçamento familiar ou qualquer tipo de posição já conquistada ou que buscava conquistar. Assim, levar atividades de um dia para o outro (de certo modo procrastinar) passou a ser uma alternativa ao professor repleto de atividades e com pouco tempo presente, o que se elucida pelo escore do Item 5, que, entre todos, também se apresentou com um escore menor, compatível com a reflexão que se reforça quando comparada ao Item 4.

Além da constatação anterior, é possível indicar que os professores afirmaram, com mais destaque ou concordância, que: estabeleceram rotinas para cumprir o dia como professor; organizaram seus horários para cumprir com as atividades escolares; e foram pontuais nos horários de trabalho. Pela teoria da Aceleração Social, a desorganização seria o seu fruto, logo, não é possível afirmar que os professores agiram aceleradamente, a partir do quadrante da teoria de Hartmut Rosa, o que, inclusive, lança luz na ideia de que a temporalidade da escola (e o professor está nela) pode ser diferente de como o tempo passa fora dela.

### **Considerações Finais**

A partir da teoria da Aceleração Social de Hartmut Rosa, seria contundente afirmar que os professores participantes da pesquisa, na ocasião mencionada, não se aceleraram, se o destaque for a aceleração do ritmo de vida, pois apresentaram capacidade de organização do tempo. Porém, ainda dentro da mesma teoria, é possível inferir por que, em sua plenitude, a vida não acelerada não se caracteriza: em função da aceleração da mudança social, que especialmente no caso dos professores se ilustra. Para manter uma posição já adquirida, hábitos conquistados, estilo de vida elaborado, e conseguir dar mais conforto e sustento aos seus familiares, eles se viram obrigados a trabalhar em mais de um emprego.

Logo, longe de querer mudar uma teoria posta, ainda assim é necessário refletir: a definição de aceleração social, pela ótica da organização pessoal do tempo, encontra familiaridade quando o assunto é o uso do tempo disponível, mas torna-se imparcial quando o assunto é o estilo de vida adquirido, que na prática é acelerado, para o indivíduo se manter e conquistar mais recursos. Essa discussão inaugura uma nova interrogação, que pode ser fonte de uma nova pesquisa: seria a capacidade de organização do tempo a matéria-prima para a aceleração da mudança social? Essa relação é tenaz porque tensiona dois lados. De um lado a aceleração do ritmo de vida, onde se vê que os professores e participantes da pesquisa se organizaram, de outro, a aceleração da mudança social, que talvez se retroalimente do tempo organizado para conseguir atingir mais capacidade de realização.

## REFERÊNCIAS

AZANHA, J. M. P. **Experimentação educacional**: uma contribuição para sua análise. São Paulo: Edart, 1974.

DAL-FARRA, R. A.; LOPES, P. T. C. Métodos mistos de pesquisa em educação: pressupostos teóricos. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 24, n. 23, p. 67-80, 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2698> Acesso em: 10 dez. 2022.

DAMÁSIO, B. F.; BORSA, J. C. **Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos**. São Paulo: Vetor, 2017.

PEREIRA, G.; ORTIGÃO, M. I. R. Pesquisa quantitativa em educação: algumas considerações. **Periferia: Educação, Cultura e Comunicação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 65-79, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/27341> Acesso em: 10 dez. 2022.

ROSA, H. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais da Modernidade. São Paulo: Unesp, 2019.

ROSA, H. **Alienação e aceleração**: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna: Petrópolis: Vozes, 2022.